

10

Percursos «inesperados» no feminino: elogio e prática de uma etnografia com biografias participadas

João Teixeira Lopes¹

Ao António Firmino da Costa, pelo desafio permanentemente lançado, para além das rotinas, de jamais esquecer a força da descoberta sociológica.

Este texto tem uma dupla missão: por um lado, apresentar os resultados de um projeto de investigação sobre os processos e dinâmicas sociais que tornam possível percursos de estudantes de mestrado oriundas de contextos desfavorecidos; por outro, argumentar em favor de uma análise que, não sendo generalizável nem estatisticamente representativa, fornece, por via da combinação entre etnografia e método biográfico intensivo, importantes pistas compreensivas sobre o cruzamento entre as várias escalas de observação do social, partindo do indivíduo.

Quem são elas e como as conheci melhor

As jovens entrevistadas foram minhas estudantes no mestrado em Sociologia do ano letivo 2018/19. Tinham entre 21 e 22 anos. Pertenciam sociologicamente às classes populares, pois os seus progenitores, com raríssimas exceções, eram trabalhadores por conta de outrem do operariado industrial, do campesinato parcial ou dos serviços subalternos de execução, alguns emigrados, outros desempregados. Viviam nos subúrbios do Porto ou em territórios industrializados do Vale do Ave, do Tâmega e do Sousa. Todas tinham tido uma nota de licenciatura igual ou superior a 14 valores e, no mestrado, as classificações estavam a ser ainda mais elevadas. Usufruíam de ação social escolar. Dedicavam-se exclusivamente aos estudos, tirando alguns biscates ocasionais ou participação na economia informal de base doméstica. Estabeleci com elas um *contrato de confiança*. Durante seis meses iriam ser por mim entrevistadas, após

¹ Professor Catedrático na Faculdade de Letras da Universidade do Porto / Instituto de Sociologia da Universidade do Porto

o seu consentimento, sobre o seu percurso biográfico, com um enfoque particular na *socialização de gênero e nos circuitos de escolarização*, mas varrendo os momentos, processos e agentes de socialização mais significativos em todas as esferas de vida, das mais públicas às mais íntimas. O grau de aprofundamento destas últimas dependeria sempre da vontade das entrevistadas, algo que não pode ser de antemão conhecido, pois a relação entrevistador/entrevistada ganha um lastro singular durante a própria dinâmica da interação. Bourdieu relembra, com toda a razão, que a situação de entrevista se assemelha sempre a uma intrusão: “É o investigador que inicia o jogo e institui a regra do jogo” (Bourdieu, 1993: 1393). Além do mais, durante o processo criam-se *relações sociais de observação* entre sujeitos com posições desiguais no espaço social e, neste caso em concreto, no campo acadêmico, com todas as implicações de potencial imposição de estruturas linguísticas e simbólicas. Por isso, negociei meticulosamente com as entrevistadas todas as regras do jogo. Sugeri seis entrevistas por pessoa, com duração indeterminada (tinha todo o tempo para ouvir e as conversas duraram entre 1 hora e 2 horas e 30 minutos). Nunca me esqueci do guião e da necessidade de reconstruir com as entrevistadas, através da memória que sustenta a sua narração, uma *linha da vida* em que deveriam sobressair os momentos, as instituições e as pessoas mais significativos na sua trajetória, o que implica uma particular atenção à temporalidade dos ciclos de vidas (“segmentos temporais diferenciados da existência individual” – Ribeiro, 1995: 134) mas também um rigoroso respeito da plasticidade com que as entrevistadas organizam essas cadências e temporalidades biográficas, sujeitas a avanços e recuos, analepses e prolepses, encruzilhadas e bifurcações, ao invés do modelo linear da seta de sentido único. Começamos pela infância e em cada etapa de vida percorremos os principais agentes e contextos de socialização, embora, na entrevista final, sugeríssemos um momento de prospecção a partir do presente, encarado como articulador que organiza as recordações e antecipa o futuro próximo (não há como ignorar que o relato desperta a memória, mesmo certos traços adormecidos, reconstruindo-os – é sempre a partir do presente que interpretamos o passado – Amrani & Beaud, 2004). Assim, nas cinco primeiras entrevistas a orientação proposta foi do *passado em direção ao presente*, enquanto, na última sessão, se tentou partir do *presente para o futuro*. Em suma, as temporalidades são dialéticas.

Em cada entrevista, poderiam sempre pedir para que determinado trecho fosse apagado da gravação. Leriam, posteriormente, cada transcrição e teriam tempo para refletir sobre o que disseram, solicitando que se eliminasse informação que considerassem inoportuna. Na transcrição seriam identificadas por pseudónimos (que elas mesmas escolheram, forjando-se uma espécie de *alter ego*) e anonimizados ou transfigurados elementos de localização (nomes de localidades, de pessoas, de instituições, etc.). No final, depois de confrontadas quer com a transcrição integral da narrativa de vida, quer com a edição “na primeira pessoa”, teriam ainda a oportunidade de retificar, acrescentar, cortar. Solicitei-lhes, aliás, um texto final de comentário sobre os resultados da pesquisa, que dialogam com as minhas próprias conclusões. Não menos importante, deixei entre as entrevistas um espaço de pelo menos uma semana, de modo a deixar germinar as sementes da reflexividade sobre o que foi dito. Frequentemente contactava as entrevistadas por email para obter esclarecimentos sobre informação contraditória e/ou lacunar. Desta forma, esforcei-me por mobilizar uma tradição da pesquisa biográfica que procura, não só um diálogo inter e transdisciplinar de perspetivas teóricas, mas também um ecletismo metodológico que não dispensa uma aturada vigilância epistemológica (Caetano & Nico, 2019)²

Retratos sociológicos e narrativas de vida

Seguindo de perto anteriores trabalhos em que participei e que utilizei, na senda de Bernard Lahire (2002), retratos sociológicos (Lopes et al, 2018; Lopes et al, 2016; Lopes, 2014; Lopes, 2012; Amândio, Abrantes & Lopes, 2016), procurei sempre articular as dimensões estruturais que estão na base da constituição de disposições sociais (formas mais ou menos recorrentes, duráveis e organizadas de percepção do mundo e de mobilização de práticas – sentir, agir, pensar, dizer – que resultam da exposição ao fluxo da socialização) com a tentativa de resgatar a singularidade (Daniel Bertaux chama-lhe a “diferencialidade” – 2020, Ferrarrotti uma “síntese ativa de um sistema social” – 1981 -) de cada interlocutora. Por outras palavras: *cada indivíduo é socialmente produzido, mas acrescenta mundo ao mundo em que habita*, inscrevendo o seu

² As autoras elencam os vários riscos que devem ser minimizados pela vigilância epistemológica: as distorções da memória, que é conhecimento e esquecimento; a ocultação; a seleção do que consideram ou não significativo; as dinâmicas identitárias com a construção de uma imagem de si; as relações de poder dentro do contexto de pesquisa e a tentação ficcional, com a invenção de fatos, experiências e acontecimentos (Caetano & Nico, 2019: 373).

percurso (a sua biografia) em contextos históricos que o condicionam sem o transformar numa marioneta desprovida de vontade ou de projeto, ainda que muitas vezes não possua os recursos suficientes para os concretizar.

Os retratos sociológicos têm a característica de suscitar narrativas autobiográficas que se estruturam pelas várias dimensões da existência, esferas da vida (crescentemente heterogêneas em sociedades complexas e diferenciadas), mundos e papéis sociais, situações, molduras de interação. Assim, acrescentamos densidade quando tentamos compreender a variação dos comportamentos individuais ao longo do percurso (linha diacrônica) e dos vários contextos e situações (dimensão sincrônica), pois cada uma das jovens entrevistadas é parcialmente a mesma e parcialmente diferente na família, na escola, com os amigos, na intimidade, no trabalho, no lazer, etc. Esta margem de pluralidade e de plasticidade das disposições na sua fina declinação pelos mundos da vida estabelece um jogo entre o passado incorporado das nossas experiências pretéritas, o presente que emerge em cada contexto, com as suas novas interpelações, e o futuro que se antecipa ou pressente. As nossas formas de agir, pensar, sentir, não podem ser reduzidas a meros hábitos ou rotinas, pois as disposições não são sempre coerentes nem tampouco transferíveis sem tradução de um mundo social para outro mundo social. Importa, então, analisar sob que condições as nossas entrevistadas podem ser austeras na relação com o consumo, mas ainda assim expostas à sedução/pressão da apresentação de si e da individualização dos estilos de vida; utilizar códigos linguísticos mais elaborados em meio acadêmico e trocar de código no relaxamento dos lazes; mobilizar certas competências linguísticas com os amigos da Faculdade e outras, bem distintas, na sociabilidade de café do meio popular de origem e por aí fora. Os trânsitos que efetuam entre reportórios e universos sociais, as transições, as passagens e as adaptações evidenciam uma *relação ativa* com as condições estruturais que enquadram e condicionam as suas vidas. As práticas sociais, não são apenas um mero ajustamento mais ou menos mecânico de esquemas cognitivos universais adquiridos precocemente na infância, são, pelo contrário, o resultado de aquisições constantes, de reformulações ou mesmo de criação de novas disposições (Lahire, 2001 e 2012). De nada servirá, por exemplo, a aprendizagem de propensões críticas e reflexivas que o ensino e a prática da sociologia induzem se os contextos profissionais futuros, pela sua desqualificação e precariedade, *inibirem* ou *desengatilharem* tais orientações. Ora, os retratos sociológicos permitem aferir dessa variabilidade, dando conta, simultaneamente, de um *coeficiente de singularidade* (Costa, Lopes & Caetano, 2014) que distingue cada uma das jovens, da pluralidade contextual das suas práticas e das afinidades e regularidades estruturais que as ligam a uma classe, a um género, a uma idade, a uma etnia e a um território. Em suma: alertam-nos contra a tentação de reduzirmos uma vida e um percurso à ilusão da homogeneidade, à pureza de um punhado de propriedades sociais, à imaculada coerência de princípios únicos, imutáveis e inabalavelmente coerentes.

Se as classes populares albergam uma gama vasta de percursos e de socializações, sendo irreduzível a uma fórmula única (como o “gosto da necessidade” e a “resignação ao inevitável”, a “estética pragmática e funcionalista, proposta por Bourdieu – 2010: 549-555 – ou a incorporação da dominação e das categorias de percepção dos dominantes), então ganharemos com uma análise que entenda as âncoras múltiplas da sua formação, nas várias molduras da ação.

O fito destas narrativas que se transformaram em retratos sociológicos é científico e cívico-político. No primeiro caso, porque pretende estudar as vidas em relação e em contexto para saber mais sobre os mundos sociais. As histórias de vida são hoje amplamente convocadas para “trabalhar” e promover as tecnologias do ego (como a “arte” de escrever um *curriculum vitae* ou uma carta de motivação, os exercícios autobiográficos introspectivos tão ao gosto dos livros de autoajuda, as confissões intimistas ou os relatos que a “explosão multimidiática multiplica” – Pineau & Legrand, 2013: 8). Aqui o horizonte é radicalmente diverso: as narrações da vida interessam-me porque afinam o dueto biografia/história (sim, cada vida é um espelho, ainda que singular, de um tempo sócio-histórico no qual participa). Objetivo cívico-político, em igual plano. “Dar voz” é um ato político, ainda que seja um exercício descendente (é o investigador que... “dá” a voz, apesar desta pertencer, em última instância, às próprias!) – uma voz filtrada, pois, pelos interesses e convenções da pesquisa; uma voz “trabalhada” pelo artesanato do ofício de sociólogo.

Representatividade e fidedignidade

Estas seis entrevistas resultam de uma amostragem intencional que não tem, obviamente, qualquer representatividade nem almeja ao que habitualmente se designa por generalização. Direi mesmo que, ao centrar-me em seis casos, propicio, ao invés, o surgimento de *contrageneralizações*, exemplos da variedade do mundo animado e de como é sempre possível que as coisas aconteçam *de outra maneira*. Contudo, não menosprezo a possibilidade de chegar a descrições densas, isto é, detalhadas e em aproximações sucessivas, das relações e dos contextos sociais. Esta ambição resulta de vários fatores. Antes de mais, de um exercício de *sociologia pluriescalar*, relacionando e integrando escalas de observação num vaivém constante – os retratos e as narrações parecem incidir sobre a *microrrealidade* de cada existência, naquilo que ela tem de combinação irreduzivelmente diferencial de experiências e aprendizagens, mas a análise e a interpretação relacionam e ligam constantemente quer ao nível *mesosociológico* das instituições e dos quadros de interação (a família e as suas estruturas; a organização escolar; o campo universitário; etc.), quer às componentes *macrossociológicas* de um tempo histórico e de um espaço social fortemente marcado por desigualdades, nomeadamente de classe e de género.

Em segundo lugar porque, como já foi mencionado, entrevistei cada jovem estudante várias vezes, convidando-a a uma digressão pela duração longa do percurso biográfico e com o varrimento das várias esferas de vida, cruzando-as frequentemente (família, escola, lazer, amigos, intimidade, futuro). As informações recolhidas, pelo seu detalhe e pela sua incrustação contextual (domínios, subdomínios e momentos significativos da experiência), jamais seriam obtidas por procedimentos estandardizados de teor quantitativo.

Em terceiro lugar, não podemos esquecer que cada história narrada, cada percurso, cada vida, é um caso possível e concreto do universal, uma reapropriação singular de uma configuração social e cultural que não se reduz a uma abstração idealizada. Assim, será nos detalhes aparentemente anódinos e triviais de uma vida que se conta e que se vive sempre em conjunto, na teia das relações sociais contextualizadas. No mais irredutível e singular encontramos as veias do geral e do coletivo, como as dobras de uma mesma realidade. Nenhuma existência social, mesmo a mais isolada, é intrinsecamente solitária.

Finalmente, importa refletir sobre a célebre objeção de Pierre Bourdieu: “A história de vida é uma dessas noções do senso comum que entraram como contrabando no universo científico” (Bourdieu, 1986: 69), uma vez que a vida não pode ser uma história (fio linear, coerente, ordenado e orientado – a “unidade de um relato totalizante – *Idem, ididem*), a não ser por um esforço de reconstrução subjetiva fruto da ação prática de um *habitu* que unifica o eu sob a forma de *personalidade*. Em vez da *história de vida*, Bourdieu prefere a análise das colocações e deslocamentos no espaço social e nos campos que o diferenciam, pois só esta operação permite aferir dos “estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado” (*Idem*: 71). Em suma, a *visão* é homóloga de uma *posição* social que se move através de uma trajetória no espaço social, tal como uma viagem no metropolitano depende da rede de estações pré-estabelecidas. Mas não padece esta perspetiva, quer de uma visão demasiado estruturalista que inibe, *a fortiori*, qualquer hipótese de narrativa de vida como matéria-prima e produto científico, quer de uma reificação da sociedade³ que economiza a agência e o cariz não só estruturado como estruturante dos percursos biográficos? Não existem mediações, finas e complexas, entre uma posição social e o conjunto de práticas acionadas pelo agente? Não é a própria posição social passível de um escrutínio complexo, pois forja-se num espaço social multidimensional (as várias espécies de capital – económico, político, cultural, simbólico, etc. -, por um lado; a interseção entre classe, género, idade, etnia, etc., por outro)?

Na verdade, não ignoro a tentação narcisista (exacerbada por uma época que glorifica o indivíduo e a construção/apresentação de si como a mercadoria mais valiosa num vasto mercado diferenciado de identidades e estilos de vida), mas creio que a vantagem de um bom uso das narrativas de vida supera as desvantagens. Desde logo, na versão que aqui utilizo, isto é, narrativas de vida como *meio de construção de retratos sociológicos*, em que se privilegia a variação *intra* e *interindividual* das práticas, declinadas por domínios de existência, processos de socialização, quadros de interação, momentos. Nada, pois, que glorifique ou favoreça uma narrativa unificada, uma só fórmula geradora do percurso. Por outro lado, a minha perspetiva, *materialista e relacional*, concentra-se, na senda de Daniel Bertaux, nas relações e contextos sociais, e não no mundo interior dos indivíduos *per se*, enfatizando, assim, os poderosos efeitos e constrangimentos de sistemas de desigualdades consolidados em que se cruzam e interagem dimensões como a classe e o género. Por outras palavras, a perspetiva compreensiva aqui mobilizada procura, constantemente, ligar a análise dos sentimentos, sem apressadamente os remeter para a categoria de resíduo sociológico, às lógicas da sua construção social e às condições sociais e às interações sociais de que é solidária.

Contudo, não posso ignorar, por um viés estruturalista, que as jovens entrevistadas sabem mais sobre as suas vidas, percursos e contextos imediatos da ação, do que eu próprio. Elas sabem, nos seus próprios termos (a partir de *dentro*, com um conhecimento intenso e único das linguagens, dos conhecimentos tácitos e implícitos, das regras não escritas dos mundos sociais que frequentam), o que tem sido a sua história: as famílias em que nasceram, a teia de relações, ora tensas, ora cooperantes, entre os seus membros, a entrada na adolescência e mais tarde na vida adulta, as dificuldades de trânsito entre mundos sociais que o seu sucesso escolar ampliou. Quem melhor do que Madalena para nos dar conta do choque (cultural, simbólico e linguístico) que sentiu ao entrar na Universidade e contactar com um novo círculo social? Quem melhor do que Cristina para nos relatar o fechamento de uma infância passada com uma mãe esquizofrénica abusiva, num meio social em que a doença mental é obra de bruxaria? Quem melhor do que Elisa para nos fazer sentir, por empatia, a excitação de um jogo de futebol ou a exaltação de uma ida a Fátima? Quem melhor do que Maria para expressar a centralidade da sociabilidade entre pares no café da sua vila? Quem melhor do que Marta para refletir sobre a ansiedade acumulada por anos de contenção, autodisciplina e pressão auto e hétero infligida para obter uma *performance* escolar bem-sucedida? Quem? Não se trata, por isso, jamais, de as encarar como ilustração colorida ou viva de qualquer regularidade social – os retratos merecem toda a complexidade do olhar sociológico.

³ Bourdieu reformula parcialmente a sua perspetiva sobre os relatos biográficos na colossal obra coletiva intitulada *A Miséria do Mundo*, totalmente baseada na riqueza heurística que as entrevistas de cariz biográfica (embora centradas em domínios ou campos particulares) proporcionam como portal de acesso à sociedade francesa e às suas mutações. Como bem observa Daniel Bertaux, a correção de rumo é rápida, pois a “ilusão biográfica” publicou-se em 1986 e o livro em 1993 (Bertaux, 2021).

Significa que este ponto de partida me leva a acreditar *a priori* em tudo o que elas disseram sobre a vida que narraram? Não. Nem sempre os agentes sociais têm consciência da complexidade das práticas, nem do sistema de relações sociais em que estão envolvidos, nem tampouco das mediações e determinações múltiplas e cruzadas que os condicionam. Como diz Becker, puxando modestamente pela mais-valia do olhar sociológico: “Os sociólogos sabem algumas coisas que as pessoas que estão a ser observadas não sabem” (Becker, 2009: 133). Por isso, é importante complementar o olhar do sociólogo, a partir de *fora*, mas *entrando* cada vez mais e com acrescida minúcia e detalhe na análise das suas práticas e representações sociais. *Entrando e saindo, jogando com as escalas de observação*, essa é talvez a vantagem do sociólogo ao estudar a vida dos outros, uma vez que, por um lado, quer compreendê-las numa empatia próxima, por outro, não se cansa de as questionar, contrastar, comparar. Desta forma, na perspetiva que defendo, o seu saber faz-se sempre *com e contra* os agentes sociais, pois se importa sempre perguntar aos próprios agentes o que pensam, sentem e dizem, tais narrações são *representações* e as “representações são em parte constitutivas das práticas, mas não dizem essas práticas” (Lahire, 2002: 16), pelo menos não imediatamente, não em estado bruto e sem reflexão (interpretação) adicional. Deste modo, os retratos sociológicos como narrativas de vida são intrinsecamente heurísticos, abrindo as alamedas percorridas pelo indivíduo na articulação entre estrutura e agência, habitus e reflexividade, subjetividade instituída e instituinte. Abertura, pois, ao estudo denso da rede de relações sociais (circuitos imediatos da ação, mediações institucionais) que percorreu e dos princípios de socialização que incorporou e/ou transformou, sem curto-circuitos mecanicistas, albergando a irrupção do inesperado, qual síntese provisória e sempre inacabada (sempre a fazer-se) de uma história social localizada.

Alguns resultados: família, género, escola

Não sendo representativas, estas estórias de vida apresentadas sob a forma de retratos sociológicos na primeira pessoa fornecem pistas para compreendermos a interseção entre as biografias e a sociedade portuguesa de hoje e de aqui. A densidade de relações e contextos sociais observados permite uma heurística de filigrana, abrindo caminhos interpretativos. Desde logo, mostrando como as configurações familiares são atravessadas por mudanças significativas. Longe vão os tempos das famílias populares numerosas e tradicionais. Neste estudo, três das entrevistadas são filhas únicas e outras três têm apenas um irmão. Não se pense, contudo, que esta alteração sociodemográfica da maior importância destruiu a centralidade da instituição, pois ela, tirando o caso de Cristina, mantém-se como o núcleo agregador das socializações primeiras. Aliás, é interessante como, nestes exemplos, se percebe a transformação das estruturas familiares em espaços cada vez mais democráticos, onde as jovens questionam com muito à vontade as posições dos progenitores sobre certas persistências de conservadorismo de costumes, levando-os a considerarem a pluralidade de modelos de orientação sexual, a refrearem juízos racistas e a pesarem menos as normas da Igreja, adaptando-se a novas práticas de conjugalidade e de sexualidade que lhes entram pela casa dentro, por iniciativa das filhas. Elas discutem, argumentam, tentam convencer e, em parte, são bem-sucedidas, invertendo o nexos tradicional da socialização unidirecional.

É certo que se prolonga a ordem de género patriarcal, com uma divisão de tarefas penalizadora da mulher. Mas mesmo essas estruturas e normas estão sob tensão: alguns dos progenitores partilham tarefas com as mulheres e assumem com as filhas uma relação mais expressiva, preocupando-se com a sua educação, promovendo um acompanhamento próximo, que deixa de pertencer apenas à esfera maternal e, em determinados casos (Filipa, Elisa, até Madalena) desenvolvendo uma relação privilegiada com as filhas. Nesse sentido, nos namoros, as relações de género parecem mais igualitárias, até porque as entrevistadas têm uma consciência ativa dos geradores de discriminação e desigualdade na sociedade portuguesa (em parte devido à sua formação sociológica).

Por serem filhas únicas ou em famílias de prole reduzida, usufruem de espaços confortáveis para a sua individualização. Os quartos prolongam o trabalho reflexivo de construção da subjetividade, acomodando transições juvenis mais longas para a vida adulta. Mesmo com dificuldades, nunca os pais lhes faltaram (exceção, uma vez mais, para Cristina) com apoios para a aquisição de livros ou computadores. Sem capital escolar para as apoiarem na transmissão de conhecimento formal, ainda assim enquadraram as infâncias e adolescências das filhas num ambiente pródigo em palavras e atos de incentivo à prossecução de estudos, inculcando-lhes responsabilidade e autonomia. De tal forma essa socialização foi bem-sucedida que as jovens dão provas de saberem assumir o que delas se espera: bons resultados escolares (apenas Madalena e Filipa reprovaram uma vez, ganhando, a partir daí, uma combatividade escolar acrescida) e adesão às expectativas docentes sobre o bom comportamento escolar (encarnando versões exemplares do ofício de aluno), organizando o sacrifício e o esforço (que valeu a Elisa, Madalena e Marta quadros mais ou menos agudos de ansiedade e pressão autoinfligidas). Afinal, são das primeiras numa genealogia popular pesada de afastamento e fracasso face à instituição escolar, o que obriga a que se honre com resultados práticos o ânimo parental. Nos percursos de Maria e de Madalena é ainda notório o investimento no preenchimento de um certo vazio social deixado às mulheres nos territórios de influência rural onde habitam. Aos jovens rapazes exige-se uma entrada rápida no mercado de trabalho, seja pela construção civil, pelos serviços subalternos ou pela via da emigração. Talvez por isso os jovens não se sintam motivados e obrigados pelos pais a prosseguir estudos de longa duração. Sabendo o que os espera e o que deles se

espera, não raras vezes fazem a escolaridade dela desistindo, incorporando papéis agressivos, indisciplinados, inseridos em sociabilidades de pares que se desenvolvem em circuitos extraescolares de emulação masculina. Elas, ao invés, são responsáveis e autônomas, surgindo aos olhos dos outros como “mais maduras”, processo que é naturalizado pela amnésia da gênese social diferencial dos percursos escolares. Além do mais, se não prosseguirem com êxito os seus estudos correm um maior risco de ficarem aprisionadas nas cápsulas de gênero das “profissões femininas” pouco qualificadas e permeáveis ao trabalho doméstico de cuidado dos familiares. O sucesso escolar, longo e cumulativo ainda que pouco provável nas classes populares, permite superar fatalismos e destinos pré-definidos, ampliando as margens de autodeterminação das mulheres.

Por outro lado, as configurações familiares populares são cada vez mais abertas e desincrustadas da tradição e dos ditames locais. As entrevistadas falam em abundância de outros significativos com influência na construção da sua identidade: amas, tios, madrinhas, educadoras, professores/as, numa teia de relações onde se aprendem valores, reportórios, informações diversas e nem sempre coincidentes, ainda assim propiciando algumas bússolas num mundo socialmente complexo e diferenciado.

Além do mais, parece existir um círculo virtuoso entre a crença familiar nas virtudes da escola, o autoconceito das estudantes e a valorização escolar do seu comportamento. Parece-me ainda convincente a existência conjugada de um efeito professor, de um efeito escola e de um efeito, mais geral, do Estado Providência. A proximidade, afeto e disponibilidade de certos professores surtiu efeito; a missão e a organização de algumas escolas forneceu um quadro de estabilidade à ação pedagógica e um suporte infraestrutural aos modos de estudar (aprimorados pelas entrevistadas, com estratégias cada vez mais refinadas), o Estado Social, finalmente, através de políticas públicas sucessivas, apetrechou salas e bibliotecas, alargou o apoio social escolar, fomentou atividades extracurriculares variadas.

A entrada no ensino superior faz-se numa justaposição de transições: da adolescência para a vida adulta (embora prolongando a condição juvenil e a dependência face aos pais); de meios rurais, em alguns casos, para o Porto, onde vivem pela primeira vez em casa própria; de relações afetivas e sexuais intermitentes para uma situação de conjugalidade informal (na maior parte dos casos); da escolaridade obrigatória para o ensino superior. Aqui chegadas deparam-se com um mundo da vida estranho, repleto de novos símbolos, de inusitados quadros de interação, de sociabilidades interclassistas, de reportórios culturais e linguísticos distanciados dos seus capitais de origem. Sentem-se, muitas delas, em situação liminar, nas garras de um atravessamento ou passagem, que as obriga a questionar uma boa parte do conhecimento tácito dado por adquirido, confrontando-as com a novidade e a dificuldade de decifração e de instalação na novidade. Sentimentos de exclusão e de vergonha cultural coexistem com situações objetivas de dificuldade académica. Estão, pois, entre dois mundos, sentindo-se, amiúde, sem chão, sem mundo algum, pois longe já da origem e ainda não no provisório destino. Contudo, a força de um percurso, de um curso de vida centrado na escolarização e nas promessas de mobilidade social que esta acalenta, a par de um certo reforço das influências socializadoras (família, professores, amigos...), embora com contradições e obstáculos, conseguem ativar as disposições de esforço, método e autonomia anteriormente forjadas, logrando uma notável integração académica e social no universo universitário.

A centralidade dos percursos e o jogo de escalas da observação sociológica

O percurso, por ser cumulativo, mediador de esferas de vida e integrador de experiências, exerce a sua força e produz os seus efeitos.

A formação do olhar sociológico entra também no jogo, favorecendo o sair de si para melhor se observar, na relação com os outros e com o mundo social. Múltiplas são as situações em que as entrevistas praticam a indagação e o desenho da perspetiva distanciada, crítica e reflexiva, confrontando e autoconfrontando-se.

É certo que os reportórios de disposições das nossas entrevistadas não permitem esquecer traços de reprodução social. Se é verdade que, ao nível do lazer e das práticas culturais, mobilizam padrões ecléticos de gosto, transpondo géneros e níveis de consagração, através de um investimento na esteticização do quotidiano e da adesão a uma lógica expressiva, também é constatado que essa heterogeneidade raramente rompe os limites de uma cultura massificada, com algum retraimento doméstico, hipermediatizada e altamente sensível às lógicas mercantis.

Mesmo a consciência de protagonizarem uma trajetória de mobilidade social que as poderá arrancar à condição de classe de seus pais não se alimenta de veleidades irrealistas, esbarrando com a antecipação das intermitências da entrada no mercado de trabalho na sua vulnerabilidade precária e desqualificante, instalando-se a dúvida, na maior parte delas, se viverão algum dia melhor do que os seus pais e fora da sua dependência.

Mas não significará esta complexidade conjugada à escala individual uma tradução possível do calendário histórico português, formação social que acelerou fundo no final do século XX, fazendo pensar aos mais ingénus que o

antigo colapsava quando, na verdade, existe uma ponte entre o passado, o presente e o futuro, feita de adaptações e transmutações; uma ponte onde sobrevive, mudado, muito do passado que é já outra coisa, em interação com um presente que nunca pode ser completamente antecipado e um futuro agora mesmo a começar?

Talvez este trabalho ajude a abrir as veias da sociologia: as que vão do geral ao singular e vice-versa. É desse trânsito que se faz o conhecimento sociológico. Em cada subjetividade encontramos uma gênese socialmente produzida. Em cada condicionamento social uma circulação, ainda que tantas vezes asfixiada, de vontade, de projeto, de resistência à pura domesticação ou à interiorização naturalizada das estruturas sociais. É esse pulsar, essa sístole, essa tensão, que aqui me interessa realçar. Até porque a história das transições juvenis nas classes populares tem sido demasiada vezes contada pelo viés mediático e político da linguagem hegemônica; pelo viés masculino, que obscurece os percursos delas; pelo viés geracional, que desconsidera as fraturas de classe, em caixas ou rótulos (a “geração y”, a “geração z” ...) simplificando um bombear complexo e sinuoso entre artérias.

Ficou demonstrado, para os casos em apreço, que cada uma destas narrativas contém tendências e contra tendências mutuamente constitutivas, o que não deve ser jogado contra a necessidade da sociologia em generalizar, em encontrar cadeias vastas e interligadas de causalidades, feixes de explicações e de regularidades, mas tão-só de jamais esquecer que o “geral” é ampliado, diversificado, bombeado pelas singularidades individuais, cada uma delas síntese única e irrepetível de múltiplas e cruzadas determinações.

Referências bibliográficas

- Amândio, S. L.; Abrantes, P.; Lopes, J. T. (2016). *A Vida entre nós: sociologia em carne viva*. Deriva.
- Amrani, Y. & Beaud, S. (2004). *Pays de Malheur! La Découverte*.
- Becker, H. (2009). *Trucos del Oficio: cómo conducir su investigación en ciencias sociales*. Siglo Veintiuno Editores.
- Bertaux, D. (2020). *As narrativas de vida*. Mundos Sociais.
- Bertaux, D. (2021). A utilização das narrativas de vida numa perspetiva socio-etnográfica. *Sociologia On Line*, nº 27, dezembro 2021, pp. 11-30.
- Bourdieu, P. (1986). « L'illusion biographique ». In: *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol. 62-63.
- Bourdieu, P. (2010). *A Distinção – Uma Crítica Social da Faculdade do Juízo*. Edições 70.
- Bourdieu, P., Dir. (1993). *La Misère du Monde*. Seuil.
- Caetano, A. & Nico, M. (2019) “Forever young: creative responses to challenging issues in biographical research.” *Contemporary Social Science*, 14:3-4, 361-378.
- Costa, A. F. da; Lopes, J. T. & Caetano, A. (Orgs.) (2014). *Percursos de Estudantes no Ensino Superior. Fatores e processos de sucesso e de insucesso*. Mundos Sociais.
- Ferrarroti, F. (1981) *Storia e Storie di Vita*. Laterza.
- Lahire, B. (2001). *L'Homme Pluriel. Les ressorts de l'action*. Nathan.
- Lahire, B. (2002). *Portraits Sociologiques. Dispositions et variations individuelles*. Nathan.
- Lahire, B. (2012). *Le Monde Pluriel. Penser l'unité des sciences sociales*. Seuil.
- Lopes, J. T. (2012). *Registos do Actor Plural. Bernard Lahire na Sociologia Portuguesa*. Afrontamento.
- Lopes, J. T. (2014). *Geração Europa? Um Estudo sobre a Jovem Emigração Qualificada para França*. Mundo Sociais.
- Lopes, J. T. (2016). A universidade e os seus estudantes. Um olhar de dentro. *Revista Lusófona De Estudos Culturais*, 3(2), 81.
- Lopes, J. T.; Boia, P. S.; Veloso, A. L.; Caldas, M. (2018). “A orquestra e a vida: percursos juvenis na Orquestra Geração”. *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 86: 91-108.
- Pineau, G. & Legrand, J-L. (2013). *Les Histoires de Vie*. PUF.
- Ribeiro, M. (1995). “Histórias de vida e pesquisa sociológica” in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 44, pp. 125-141.